

Os Heróis das  
Histórias-em-Quadrinhos da  
**EBAL**

apresentam o enredo da  
**MANGUEIRA**  
para o Carnaval de 1968



**SAMBA**  
**FESTA DE UM POVO**

Edição Especial de QUADRINHOS

**Chegou... ô... ô... ô**

**A Mangueira**

**Chegou... ô... ô...**

*Ar Edson  
marcos*

*Amir po*

*1  
Pavel  
Basil*

*4  
08  
98*

Enéas Brites e

Aluisio A. da Costa



# Mangueira faz Samba para a festa do povo



Do lundu dos escravos, no princípio do Império, até o sofisticado sambinha bossa nova, soprado em surdina por um conjunto de boate, tudo é samba!

Depois que um tatatatá-rô (se me permitem o termo) do divino Cartola bateu o primeiro atabaque, lá pras bandas da África, até o momento em que Chico Buarque de Holanda preparou um uísque e ficou às margens do seu violão, tentando uma melodia nova para o seu próximo disco, o samba sempre foi samba.

Era samba aquilo que a Sinhazinha ia espiar os negros dançando nos jardins do solar, como era samba o maxixe do começo do século, que nascia e renascia tôdas as noites nas casas de Tia Ciata — onde se criou Buci Moreira; Tia Amélia — a mãe de Donga; Tia Prisciliana — a mãe de João da Baiana. A avó daquele garôto de cara bexiguenta, que o apelidou de Pixinguinha, em sua língua arrevezada de africana, cantarolava a música que alguns anos depois daria oportunidade ao neto de se tornar genial; e a música que ela cantarolava era samba.

Quando Chiquinha Gonzaga compôs a primeira música para carnaval, a marchar-rancho que introduziu na História da Música Popular o bloco "Rosa de Ouro", tam-

bém já fazia samba, embora lhe desse o nome de *corta-jaca*. E Caninha principiava a ter cartaz na voz do povo. Fazendo o quê? Samba, naturalmente!

Os "Oito Batutas" foram para a Europa tocar samba, pela primeira vez, para francês ouvir, embora tenha sido um francês — Jean de Lery — que, em 1553, se interessou pela música brasileira, recolhendo canções indígenas. E estas, com o correr do tempo, se incorporaram ao samba, pois tudo e todos foram se unindo em torno do samba.

Quando, em 1917, num disco da Casa Edison, saiu impressa pela primeira vez a palavra "samba" (Disco Odeon 121.313, selo azul, pela Banda Odeon, logo depois saiu outro, cantado pelo Baiano, 121.322, selo vermelho), o samba já era sambado por todo o Brasil, no *bumba-meu-boi* maranhense, nos *côcos* da Paraíba, nos *maracatus* do Recife, nos *candomblés* da Bahia, e até em Paris, onde o bailarino Duque, maxixava nos cabarés de luxo.

E por aí foi, nos teatros da Praça Tiradentes, no Bola Preta, na voz de Caymmi ou Ataulfo, no pistom de Bonfiglio de Oliveira ou na clarineta de Luiz Americano. Uma das suas maiores glórias foi a fundação da primeira academia de samba,

modestamente Estação Primeira, de Mangueira, onde se reuniram, no dia 28 de abril de 1928, Cartola, Carlos Cachça, Gradim, Chico, Setembrino, Marcelino e tantos outros para o importante evento. Tudo era samba, então. E, por causa d'ele, um jovem soldado da Polícia Militar amarrou o cavalo num poste e subiu a Mangueira para ser batizado com o nome sonoro de Nelson Cavaquinho.

Mas, se todos cantavam, dançavam ou tocavam samba, tinham a seu favor a liberdade de escolher seus temas. Este exaltava a Bahia, aquê cantava a valentia do nordestino, o outro punha música em sua dôr-de-cotovelô, mais adiante um sambista explicava a sua escola.

Não havia — nem deve haver — regulamento para o samba, que nasceu livre e somente livre continuará a se expandir. É o que pensa a Estação Primeira, com justa razão. E, assim, sai este ano com um tema revolucionário: "Samba, Festa de um Povo". Se, até hoje, cada um cantou seu samba como quis, porque aprisionar num tema impôsto por regulamento nascido nos tempos da ditadura, o que Mangueira deve cantar?

Mangueira é samba... festa de um povo!!!

SÉRGIO PÓRTO

# Samba é melhor com cinco autores



Para apurar os Sambas de enredo, este ano, visando a repetir o sucesso de "O Mundo Encantado de Monteiro Lobato", a Ala dos Compositores da Mangueira resolveu dividir seus componentes em grupos de, no mínimo, quatro.

Assim, os três autores vencedores do ano passado — Darcy, Batista e Luís — se uniram a Hélio Turco e Dico para traduzirem musicalmente a história de "Samba, Festa de Um Povo".

Tão logo o Samba foi para a quadra de ensaios ganhou a preferência das pastoras, embora os outros fôssem também de grande gabarito. No dia 24 de janeiro, uma Comissão Julgadora elegeu-o por unanimidade para o desfile. Todos os compositores se uniram e, sem reclamações, passaram a trabalhar pelo Samba vencedor.



Darcy está há quatro anos na Ala dos Compositores e foi o responsável pela linha melódica. Antes mesmo de entrar na Ala, Darcy já tinha auxiliado a Hélio Turco no Samba "História de Um Prêto Velho", em 1964. Em 1965 não concorreu em Samba de enrêdo e, no ano seguinte, fez parceria com Luís e Batista, tirando segundo lugar com "Exaltação a Villa-Lobos". No ano passado, os três venceram na Mangueira e na Presidente Vargas com "O Mundo Encantado de Monteiro Lobato".

Hélio Turco foi o principal responsável pela letra da música. No entanto, não fez questão de que saísse seu nome como um dos autores. Lembra Hélio Turco que foi sempre com amizade e compreensão que os cinco compositores chegaram, com

sucesso, ao final da composição. Hélio Turco é o mais antigo dos cinco na Ala dos Compositores, onde começou, em 1958. Foi várias vezes campeão de Samba de enrêdo na Escola. Em 1959, 60, 61 e 63 venceu de parceria com Cícero e Pelado. Em 1964, com Darcy e Comprido e em 1965 com Pelado e Comprido.

Batista faz parte da Ala dos Compositores desde 1959, mas só há três anos disputa Samba de enrêdo, vencendo os dois últimos. Da mesma forma, em relação a Samba de enrêdo, está Luís, embora tenha entrado para a Ala em 1954 e tivesse feito, com sucesso, alguns Sambas de rua.

Dico é o mais novo dos cinco na Ala e em disputas de Samba de enrêdo. Este foi seu primeiro ano.

# Samba, Festa de

Uma coisa é certa: a mais bonita história do samba — festa do povo brasileiro — é o próprio samba que conta. Alguns ainda tentam fazê-lo de outra forma, escrevendo, falando ou passando adiante o que ouviram — desde a chegada dos primeiros colonizadores até o espetáculo que Mangueira nos dá hoje — mas sempre falta alguma coisa, a história não parece completa, um pouco de beleza se perde. E nos vem a certeza de que só o côro febril dos tamborins, o choro perdido das cuicas, o ritmo fascinante dos agogôs, chocalhos, pandeiros, triângulos e frigideiras, a batida quase solene dos surdos, a ginga manhosa dos passistas, a graça espontânea da porta-bandeira, a coreografia dos mestres-sala, a evolução dos bambas e pastoras — é que podem cantar o canto de quem conta a história. Uma história feita de sons, cores e sentimentos festivos.

Mas de onde terá vindo esta festa? Quem criou o samba, como ele nasceu, de que modo veio vindo, tomando corpo, ganhando forma, firmando estilo e se fazendo música?

Tôda a música popular brasileira é o resultado de uma mistura de raças. Os colonizadores brancos, portugueses de todos os tipos, já cantavam em terra

brasileira cantos de amor, cantos de alegria, cantos de revolta, cantos de zombaria, mas, sobretudo, cantos de saudade. Alguns deles já conheciam o "batuque", por muitas andanças em outras terras quase virgens, numa África distante e estranha, exatamente como o Brasil recém-descoberto. Cantavam, mas estavam longe de saber o que era o samba. E nem sequer foram pioneiros: bem antes da primeira caravela aqui chegar, já os índios saudavam com seus cantos as festas sagradas, as vitórias na guerra, um nascimento ou a morte. Não conheciam — como os portugueses — a saudade, mas havia em seu canto algo de triste. Duas melodias indígenas que chegaram até nós, graças às pesquisas do francês Jean de Lery, em 1553, mostram o quanto devemos aos nativos.

No entanto, só os portugueses, só os nativos, ou mesmo o que resultaria da miscigenação de portugueses e nativos, seria muito pouco. Para que surgisse o samba, faltava o negro.

Quando os colonizadores, não conseguindo dobrar a indolência do índio, recorreram ao negro para o trabalho da terra, começou a nascer o samba. Primeiro, nos navios negreiros, foram eles trazidos da África, arrancados do seu



# um Povo

mundo, do seu meio, de sua gente. Trouxeram consigo as duas coisas que portugueses e índios punham em sua música: a saudade e a tristeza primitiva. E mais: o ritmo. Do mesmo modo que o Brasil se foi formando, na mistura das três raças, a música que resultaria no samba fêz-se pouco a pouco, a partir do século XVII.

O ritmo — ou ritmos — que os negros nos trouxeram, tinham, porém, várias maneiras de ser. Na terra maranhense predominava o "Bumba-Meu-Boi" e o "Tambor de Crioula"; no Ceará ou na região que cobria parte da Paraíba desenvolveu-se o "Côco"; no lado pernambucano, somou-se ao "Côco" o "Maracatu" que acompanhava a coroação de reis negros, dança dramática e de cunho religioso. Na Bahia — sobretudo porque os negros escravos de lá, ao serem libertos ou, mesmo antes, vieram para o Rio — ficaram algumas das mais profundas raízes do samba: "Batuque", "Lundu", "Capoeira", "Candomblé", "Afoxé", "Samba de Roda", "Bate-Bau", "Reisado", "Guerreiro" — música, cantos religiosos, tipo de luta, tudo, enfim, era motivo para, ao som de seus ritmos primitivos, os negros se entregarem ao canto e à dança. Surge, portanto, pela primeira vez, a palavra

samba: possivelmente, o termo provém de *samba*, vocábulo de origem africana que significa *umbigada*. Na atual roda de samba ou de partido-alto, são evidentes os indícios daquelas origens.

Mas, ainda com relação à música dos negros, que no início existia independente da dos europeus ou dos índios, vale citar a pesquisa de Marisa Lira sobre as raízes do samba:

"Da música de cerimônias religiosas, adaptada às festas católicas, as procissões, temos as Taieiras, fragmento do "auto dos Congos". Elas se incorporaram a procissão de São Benedito e formavam a guarda de honra do andor de Nossa Senhora do Rosário. Eram mulatas vestidas de branco, saias engomadas com grande roda, camisas rendadíssimas, exibindo o colo nu. Enfeitavam-se com grandes colares e pulseiras, laços de fita, enrolavam a cabeça com um tórso de pano branco. Uma das Taieiras ia à frente, agitando uma varinha toda enfeitada, assim como fazem as balizas. Cantava a solista:

"Virgem do Rosário  
Senhora do Mundo"

Todo o grupo saracoteando, pachola, respondia em câoro:

# Samba, Festa de um Povo

Indererê-rê-rê  
Ah, Jesus de Nazaré"

A Taieira-Chefe prosseguia:

"São Benedito  
É santo de prêto  
Ele bebe garapa  
Ele ronca no peito"

O côro, movimentando-se num jôgo de quadris provocante, respondia:

"Indererê-rê-rê  
Ah, Jesus de Nazaré"

Solava a Taieira

"São Benedito  
Não tem mais coroa  
Tem uma toalha  
E veio de Lisboa."

Em requebros lascivos, as negras respondiam:

"Indererê-rê-rê  
Ah, Jesus de Nazaré"

Assim percorria a procissão o itinerário estabelecido. As Taieiras desapareceram, mas, para lembrá-las, surgiram os ranchos carnavalescos e, ultimamente, as Escolas de Samba".

As influências européias crescendo, com o interesse também crescente de Portugal pela Colônia, os negros se multiplicando, o índio, ainda que lentamente, se incorporando à civilização que surgia, a mistura foi-se fazendo maior. Mas, predominava o ritmo dos negros, os seus cantos, os seus la-

mentos. No Norte e no Sul, em Minas Gerais — onde apareceram várias formas de *congadas* — e mais ainda no Rio, o samba, embora muito diferente do que é hoje, transformava-se cada vez mais numa música do povo.

Nos princípios do Império, o *lundu* estava em moda. Era, então, música africana adaptada ao gosto europeu dos colonizadores. Com ele, as noitadas boêmias eram animadas, os *saraus* ganhavam graça, os improvisos de trovas humorísticas tinham outro sabor. Fazia-se serenata, tocava-se violão, mas quase sempre às escondidas, pois não era de bom-gosto e polido entregar-se a tal tipo de diversão. O *lundu* ajeitava as coisas, trazia para os salões o canto eminentemente popular. Depois, com a liberdade do negro, aqueles ritmos primitivos, importados da África, espalhavam-se, fôsse no canto dos vendedores de frutas, flôres e água, fôsse nas festas religiosas que se faziam mais abertamente, fôsse nos grandes dias de gala. Surgiram, no Rio, as "*balanas*" ou "*tias*", a maioria egressa da Guerra de Canudos. Uma delas, Tia Sadata, formou o primeiro rancho carnavalesco, o "*Rancho da Sereia*". E havia Tia Dadá, Tia Gracinda, Tia Amélia (mãe de Ernesto dos Santos, o Donga), Tia Prisciliana de Santo Amaro (mãe de João da Baiana), Tia Fé e Tia Tomásia, que tanta importância teriam na história de Mangueira. A mais famosa, porém, foi Tia Ciata — Hilária Batista de Almeida — que aqui chegou com vinte anos de idade e instalou-se com um tabuleiro na Rua Sete de Setembro, passando a freqüentar as antigas festinhas do bairro. Dela, diziam de sua beleza e graça, do gosto pelo canto e da queda pela música. Tia Ciata morava no 117 da Rua Visconde de Itaúna, onde se reuniam,

por toda noite, os maiores "sambistas" da época: Sinhô, Caninha, Heitor dos Prazeres, Marinho-Que-Toca, Mauro de Almeida, João da Mata, João da Baiana, Didi da Gracinha, Getúlio da Praia, João Cântio, Hilário e tantos outros.

Mas que representava toda esta gente? Que relação havia entre os "sambistas" já deste século e seus antepassados cativos? E onde entram, na história, o europeu e o índio?

O samba, no primeiro quarto do século, entra na sua fase urbana. Da mesma forma que outros povos cativos encontraram na música o seu alento, o seu consolo, a sua afirmação — e há o exemplo do próprio negro dos Estados Unidos com seu jazz tradicional — o homem de cor do Brasil refugiou-se — ou libertou-se — em parte, na sua música. Só que aqui, pouco e pouco, cada vez mais, houve uma emancipação. O negro tirou algo do branco, o branco encontrou muito no negro, um e outro receberam alguma coisa do índio. E o samba, antes música de tradição folclórica, virou gênero urbano, aberto a todos. Lundus, candombés, lamentos, choros, da mesma forma que a polca, a valsa e o maxixe, eram gêneros — ou tipos de música — que existiam ao mesmo tempo, aqui e ali, de modo que o samba, aparentemente, era um gênero a mais. No entanto, era mais do que algo a mais: com ele, o Brasil descobriu o seu verdadeiro canto, numa fala de amor, numa festa em família, num desfile carnavalesco, num baile alegre e até mesmo num instante de dor. Finalmente, surge a década de 20, tão decisiva na história do samba. É nela que nasce Mangueira, é nela que as "escolas" começam a se formar, e nela que aparece o "samba branco" do asfalto.

Foi no fim dessa década — mais pre-

cisamente em 1928 — que se deu uma grande transformação no Carnaval, com o aparecimento da pioneira das Escolas de Samba, a "Deixa Falar". O nome de "escola" se deve ao fato de existir no Estácio, àquela época, uma escola normal cujas alunas, certamente, inspiraram seus fundadores: Ismael Silva, Alcebiades Barcelos, Brancura, Nilton Bastos e Julinho, entre outros.

Mas, "Deixa Falar", como todas as outras escolas que surgiram depois, veio de um bloco carnavalesco. O Bloco Deixa Falar, por exemplo, já existia, em 1915, antes mesmo da era do rádio, quando então os compositores de samba se concentravam em grupos mais ou menos heterogêneos, nos mais diversos bairros, vendo no Carnaval a grande oportunidade para divulgar as suas músicas. Principalmente porque, se a Polícia era rigorosa com eles, ou, pelo menos, não via com bons olhos os batuques, os improvisos, as danças de meio de ano, na época do Carnaval aceitava tudo.

O Zé Pereira marca o início dos blocos, cujo florescimento, em bairros diferentes, criou também o espírito de rivalidade entre os grupos de samba. E o samba ganhou, também, os seus pontos vitais na Cidade, como a Praça 11 e a Galeria Cruzeiro.

O tipo de samba a que se entregavam aqueles compositores e cantores — alguns ainda vivos — já era uma antecipação muito próxima do que as atuais escolas, embora com uma imponência adquirida com o tempo, apresentam nos desfiles de Carnaval. O samba — dizia-se — nascera há muito tempo, mas, somente em 1917, seu nome aparecia num selo de disco: "Pelo Telefone", música de Donga e letra de Mauro de Almeida, seria o grande precursor.

# Samba, Festa de um Povo

A história daquele samba é também um caso à parte. Na verdade, música e letra originais de "Pelo Telefone" pertenciam a Didi da Gracinda, que o cantara numa das reuniões em casa de Tia Ciata, onde então Donga o aprendera. Os versos primitivos eram assim:

"O chefe da Polícia  
Pelo telefone  
Mandou me avisar  
Que na Carioca  
Tem uma roleta  
Para se jogar"

Mas a confusão de autoria — que levou Tia Ciata, Mestre Germano, João da Mata e Hilário a protestar pelos jornais contra Donga, acusando-o de "apropriação indébita" — não parou por aí. Houve até quem associasse os nomes de Pixinguinha e Sinhô aos do autor ou autores do samba, falou-se também de uma versão anterior de João da Mata e Minan, bambas do morro de Santo Antônio, freqüentadores da casa de Tia Ciata. Quando à gravação em disco, feita por Baiano, aparece com a letra modificada, talvez para não criar problemas com o Chefe de Polícia, Aurelino Leal, cuja campanha contra o jôgo inspirara o autor dos versos à crítica musical.

"O chefe da folia  
Pelo telefone  
Mandou me avisar  
Que com alegria  
Não se questione  
Para se brincar"

Com várias outras letras, umas anônimas, criadas pelo povo, e outras até

impublisháveis, bem ao gosto do carioca, "Pelo Telefone" transformou-se num clássico. Mas, já agora, as coisas se misturavam. Se era possível, num sentido, estabelecer uma diferença entre o samba verdadeiro, a música que vinha dos morros (onde se fixara a maior parte da população humilde da Cidade), o canto bonito do negro — e a música que compunham mestres como Ernesto Nazaré, Zêquinha de Abreu, Chiquinha Gonzaga, Eduardo Souto, autores de choros, tanguinhos, valsas e maxixes saborosos, em pouco as duas correntes se fundiriam. A música popular brasileira ganhava com isso.

Sinhô representou um importante capítulo nessa fusão. Foi o "Rei do Samba", inspirando-se no ritmo que seus irmãos de côr criaram e ao mesmo tempo penetrando, com seu piano primitivo, sua bossa urbana, seu talento espontâneo, nos bailes do centro da Cidade.

A década de 30 — chamada por muitos "A Época de Ouro" — vai firmar definitivamente dois tipos de samba: o do morro e o do asfalto, ambos, porém, andando de mãos dadas. Os que viam nêles rivais haveriam de ficar convencidos do contrário com êstes versos:

"O samba, na realidade,  
Não vem do morro, nem lá da cidade,  
E quem suportar uma paixão,  
Sentirá que o samba, então,  
Nasce no coração".

São versos de Noel Rosa, gênio maior do samba que nasceu no asfalto, mas poeta que reverenciou sempre a arte do morro. Mangueira foi algumas vezes cantada pelo sambista de Vila Isabel, às vezes com um respeito de menino surpreendido em pecado de vaidade:

"Salve Estácio, Salgueiro, Mangueira,  
Oswaldo Cruz e Matriz,  
Que sempre souberam muito bem  
Que a Vila não quer abafar ninguém  
Só quer mostrar que faz samba também"

No asfalto, flor estranha, brotava o samba: Nilton Bastos, Rubens Barcelos, Ari Barroso, Assis Valente, Custódio Mesquita, Lamartine Babo, Haroldo Lôbo, Benedito Lacerda, Herivelto Martins, Wilson Batista, Buci Moreira, Paquito, Alcebiades Barcelos, Armando Marçal, João de Barro, ainda Ismael Silva — e lá do morro respondiam Geraldo Vagabundo, Caninha, Zé-Com-Fome, Heitor dos Prazeres, Zé Criança, Paulo da Portela, Antonico do Pandeiro, Artur de Faria (autor de "Quero Nota", primeiro samba que falou da Mangueira), Saturnino Gonçalves, Carlos Cachaça, Néelson Cavaquinho, Geraldo Pereira e certamente Cartola, a quem já chamaram de "Divino".

Seguindo assim, o samba foi resistindo ao tempo, continua resistindo, vai resistir sempre. Nem tanto o do asfalto, mais sujeito à nova moda, maneirismo estranho que às vezes vem de outras terras, mas vulnerável ao gosto passageiro de parte do público. Mas o samba do morro — que tantos classificam de "autêntico" — que tanto pode ser um canto de dor da mesma gente que o viu surgir, há séculos, como também esta festa de agora.

Mas chegou a época em que o samba quis ir mais longe, vencer obstáculos, ultrapassar fronteiras, ganhar o tempo e o espaço. Carmen Miranda, então, surge como um nome importante. Em 1935, ela já havia levado a nossa música ao Prata, e, nos anos que seguiram, continuava a ser um cartaz do nosso rádio, dos discos e do Cassino da Urca, onde

um empresário a descobriu. Seu repertório era da melhor qualidade — Ari Barroso, Noel Rosa, Assis Valente, Caymi, Lamartine — e a possibilidade de levar o talento de toda essa gente para os Estados Unidos fez com que ela aceitasse um contrato, impondo, porém, levar consigo o Bando da Lua.

Em 1939, estavam eles — Carmen e o conjunto — se exibindo numa revista musical da Broadway e em vários *night-clubs*. A baiana, embora estilizada, saía da Baixa do Sapateiro ou das esquinas do Rio para ganhar o mundo, pela graça de Carmen Miranda e nas telas dos cinemas. O samba ficou mais conhecido, universalizou-se, enfim.

Mas tudo isso é apenas um pouco da história do samba. Uma história que a gente pode contar falando, escrevendo, ou ouvir de quem também fala e escreve. Uma história que, hoje, corre o mundo na boca dos que aqui estiveram e viram a magia dos morros, o encanto das ruas, a tranqüilidade das praças, onde quer que se forme uma roda de samba, ou, ainda, dos que ouviram esse mesmo samba na voz tímida de uma criança, no canto rouco de um homem do povo, no agudo sem igual de uma mulata carioca, gente môça, gente velha, brancos e negros, todos unidos pela enfeitada música que o samba tem.

Mas o melhor da história vem aí, no canto da Mangueira, no côro febril dos tamborins, no choro perdido das cuicas, no ritmo fascinante dos agogôs, chocalhos, pandeiros, triângulos e frigideiras, na batida quase solene dos surdos, na ginga manhosa dos passistas, na graça da porta-bandeira, na coreografia elegante dos mestres-sala, na evolução de bambas e pastôras, nesta festa, enfim, que é o samba. Mangueira vem vindo — ouçamos o que ela tem para contar.

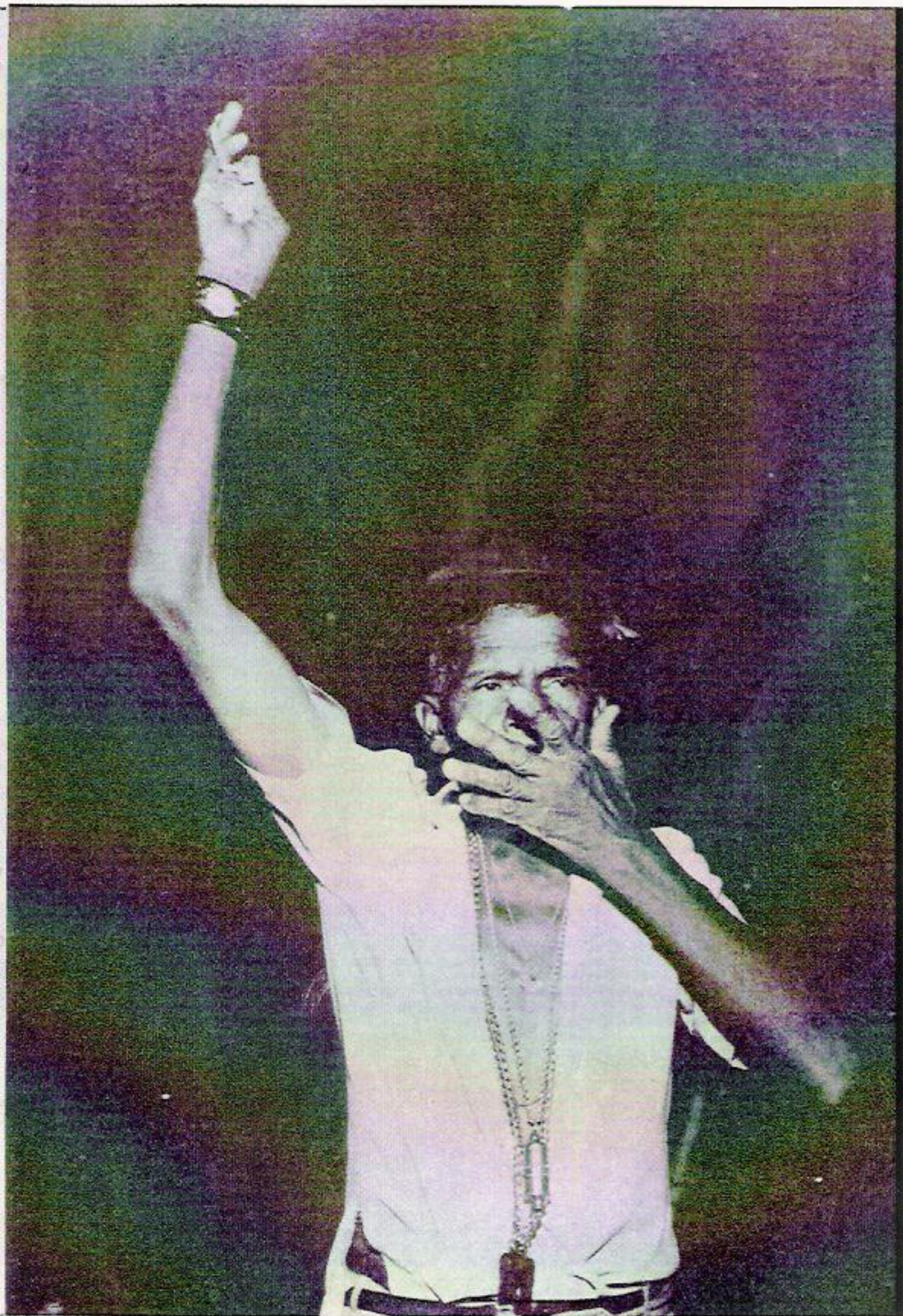
# Ritmo quente é tradição da Bateria

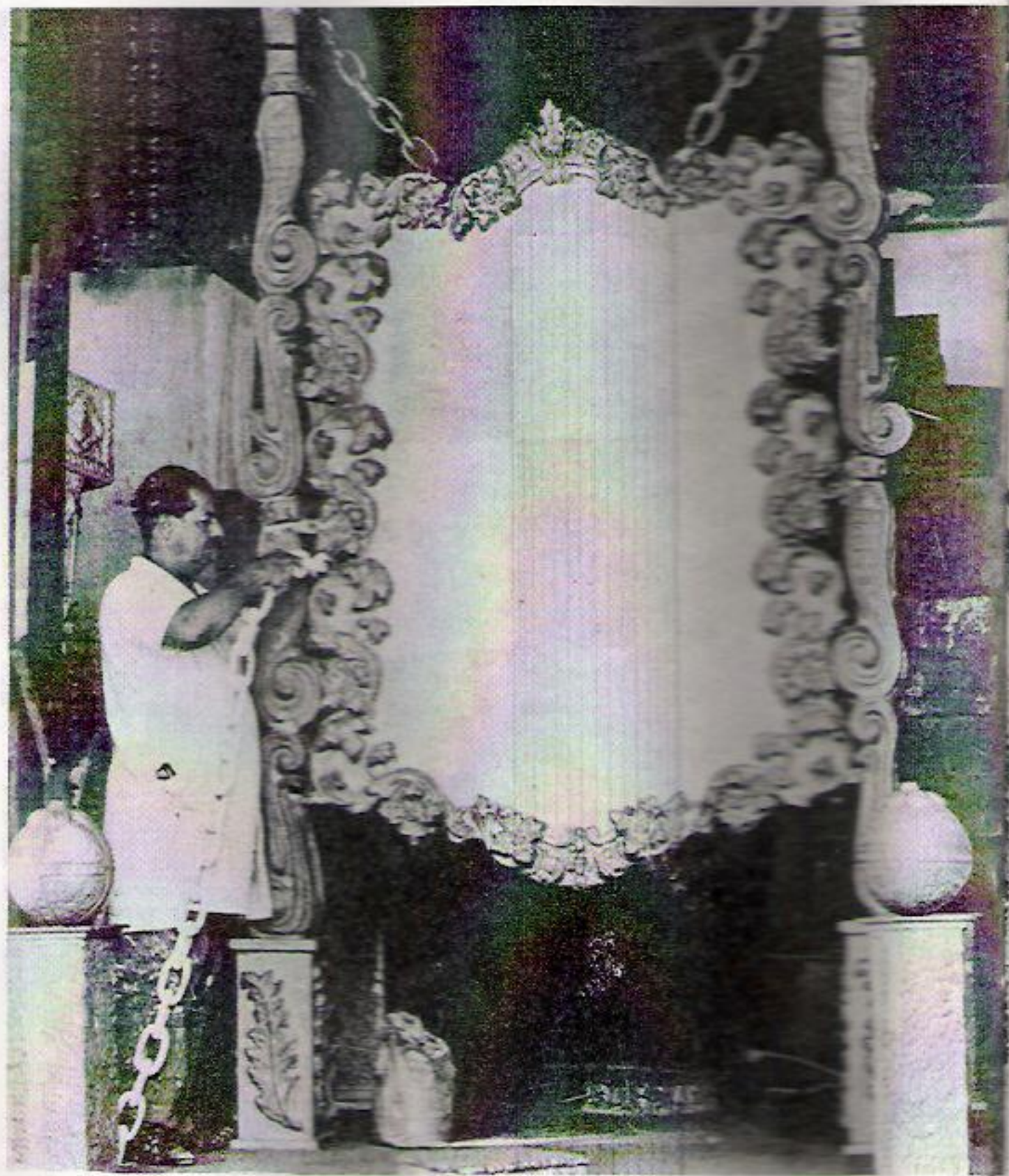
O ritmo quente e tradicional da Mangueira, marcado pelo repique duplo do surdo, usado com exclusividade pela Estação Primeira, tornaram a Bateria de Valdemiro como a mais autêntica das Escolas de Samba.

Valdemiro Tomé Pimenta, com 65 anos de idade, é o Diretor de Bateria desde 1935, quando entrou na Mangueira como ajudante do então Primeiro Diretor Mário Nogueira. Em 1938, assumiu sozinho toda a responsabilidade da Bateria, e só em 1957, quando já estava começando a sentir o peso da idade, é que arranhou alguns auxiliares.

Foi, 14 anos seguidos, campeão de Bateria, conseguindo sempre nota 10 no desfile. No ano passado, por um erro na formação da Bateria diante do palanque julgador, Valdemiro tirou a nota 9, e chorou muito quando soube do resultado.

Isto, porém, fez-lo redobrar os esforços para voltar a colocar a Bateria da Mangueira no seu lugar de destaque. Este ano, todos os 178 componentes da Bateria foram obrigados a fazer um teste antes de receberem o figurino da fantasia, e a seleção foi rigorosa.







# Trabalhou 6 meses para um só dia

A seis meses do Carnaval, o artista Laurênio Luís Soares iniciava, em seu atelier, o trabalho das alegorias e apetrechos de mão da Estação Primeira de Mangueira. A seu lado foram se unindo empastadores, carpinteiros, bombeiros hidráulicos, eletricitas, mecânicos, borracheiros e pintores, numa equipe que chegou a atingir 32 homens.

Quatro carros alegóricos, conforme manda o regulamento, e mais de 200 peças de apetrechos de mão foi o resultado do trabalho desta gente. Trabalho êste que fêz até com que o artista muitas vêzes tivesse resmungado, inteiramente dominado pela exaustão, que nunca mais faria Carnaval.

Laurênio Luís Soares é cenógrafo do Teatro Municipal, e muitas vêzes trabalhou no Carnaval. Ele começou fazendo alegorias para as Grandes Sociedades, no tempo em que elas dividiam com as Escolas de Samba a preferência popular dos desfiles carnavalescos. Depois, resolveu aderir às Escolas de Samba, de corpo e alma. Começou no Salgueiro, onde, entre outros carnavais, foi o responsável por Chica da Silva. Em seguida, foi para a Portela, onde ficou três anos, e, em meados do ano passado, a Mangueira conseguiu contratá-lo.

Os quatro carros alegóricos foram todos imaginados por Laurênio. O "Abre-Alas Mangueira-68" é uma placa de bronze sustentada por correntes, num carro ornado por pequenas colunas e jarrões de flôres. Em

seguida, o artista pensou no "Chafariz da Praça XI". Cópia fiel do antigo Chafariz, que agora se encontra no Alto da Boa Vista, e que era o reduto dos sambistas na época em que o Samba iniciou seu desenvolvimento. Os sambistas sentavam-se em torno do Chafariz, nos degraus, e ali cantarolavam seus sambas.

O terceiro carro foi denominado por Laurênio como "Serenata do Amor". Lembrou o artista das antigas serestas, quase sempre cantadas sob os caramanchões, muito comuns na época, onde o seresteiro homenageava a amada nos acordes do violão. Uma estátua de Cupido sôbre um pedestal, no centro, representa o amor e dois bancos, com um violão encostado num deles, completam o carro. A alegoria é um caramanchão com o teto todo trabalhado e sustentado por seis colunas sextavadas. Tôda a escultura do carro é colonial, estilo do artista, e a base do caramanchão é ornada com jarrões de flôres.

"O Sonho do Sambista" é o nome da última alegoria da Mangueira. Nesse carro, Laurênio procura simbolizar um sambista pobre, que chega cansado em seu barraco, depois de um árduo dia de trabalho, e tem alguns momentos de alegria sambando na sua Escola preferida. O cansaço e o seu amor ao samba levam-no a um sonho ingênuo e distante, em que êle, como um Príncipe do Carnaval, se vê dono de um palácio imenso e brilhante, todo seu.

# União é a nossa força

A união entre os mangueirenses e a hospitalidade aos visitantes são, sem dúvida, os principais responsáveis pelo engrandecimento da nossa Estação Primeira. Na Mangueira, todos os que querem trabalhar têm carta branca do Presidente e da Diretoria. Qualquer opinião ou plano é ouvido e estudado, seja de um sócio ou de um amigo da Escola.

Tenho orgulho em afirmar que na Mangueira se vive em família. Discutimos, sim. No entanto, o objetivo é um só: tornar-nos cada vez mais fortes. Na nossa Escola de Samba não existe politicagem nem politiquinhos, vaidades ou divergências pessoais, quando o nome da Mangueira está em jogo.

Cabe, porém, registrar que a Mangueira tem uma equipe de diretores e colaboradores verdadeiramente extraordinária. A responsabilidade de dirigir a Escola é realmente muito grande, mas com este grandioso auxílio nossa tarefa é mais fácil. A eles, de público, meus agradecimentos.

Para se fazer um Carnaval da qualidade de SAMBA, FESTA DE UM POVO fomos obrigados a muitos sacrifícios. Somos uma Escola sem muitos recursos financeiros. Contudo, tínhamos que presentear o povo pelo apoio decisivo que recebemos no desfile do ano passado e ao entusiasmo e comparecimento cotidiano aos nossos ensaios para este Carnaval.

Eu, como responsável direto pela alegria destes tantos mil favelados, desejo externar também os mais profundos e sinceros agradecimentos aos amigos da imprensa, pelo incentivo promocional das nossas festas.

A quadra da Mangueira é como a antecâmara de cada barraco do Morro. Ali, os mangueirenses se sentem honrados com as visitas que recebem e se esmeram para fazê-las voltar. A única coisa que podemos oferecer é o Samba, puro e autêntico, sem mistificações ou coreografias marcadas. Samba que nasce nos nossos corações e corre nas nossas veias.

No mais, nossa riqueza é a Graça Divina e é com ela que consigo dirigir a nossa Estação Primeira de Mangueira.

JUVENAL LOPES  
Presidente da Mangueira





## Responsabilidade dobrou trabalho

A Mangueira iniciou seu trabalho para o Carnaval de 1968 tão logo soube do resultado do desfile do ano passado. Sabíamos que a conquista do bicampeonato significaria trabalho dobrado. Por isso, não poupamos esforços. Tínhamos em mente um enredo: "Memórias da Rua do Ouvidor". No entanto, por motivos de ordem técnica, tivemos que mudá-lo.

A Mangueira não só quis sair da rotina de apresentar enredos históricos do Rio, por demais explorados pelas Escolas de Samba, mas também porque o título de 1967 fê-la crescer muito. Praticamente, dobrou o número dos componentes da nossa Mangueira. No ano passado, contávamos com 48 alas e hoje o número já atingiu a 83 inscritas.

Diante disso, a Diretoria da Mangueira, então, resolveu fazer uma enquête popular pedindo sugestões sobre o enredo que a Escola deveria apresentar no Carnaval de 1968. Enquanto isso, criamos uma Comissão de Carnaval para estudar as sugestões e elaborar um plano de trabalho. Recebemos 36 opiniões sobre diversos temas e, depois de muitas reuniões e estudos, a Comissão de Carnaval chegou à conclusão de que nada seria melhor para uma Escola de Samba do que ela apresentar o verdadeiro motivo de sua existência: A História do Samba.

Fomos buscar no título SAMBA, FESTA DE UM POVO, tudo que se relaciona com o nascimento, crescimento e glória desse ritmo fascinante.

Depois, coube à Comissão de Carnaval, procurando sempre ouvir figuras categorizadas nos meios sambistas, além dos ex-Presidentes da Mangueira, ainda atuantes, conselhos e sugestões sobre a feitura do Carnaval.

Desde logo, ficou estabelecido que não modificaríamos os responsáveis pelos itens que alcançaram a maior nota no desfile do ano passado. Assim, mantivemos a Comissão de Frente, o Figurinista, os Mestres-Sala e Porta-Bandeiras, e os Diretores de Harmonia, Melodia e Bateria. O problema principal voltava-se para as alegorias, e Mangueira contratou um senhor artista, o cenógrafo Laurênio Luís Soares.

De reuniões em reuniões semanais, prolongadas pela madrugada adentro, e de contatos diários dos seus membros, a Comissão de Carnaval, sempre prestigiada pela Diretoria da Escola e, em particular, pelo nosso Presidente Juvenal Lopes, consegue hoje, orgulhosamente, apresentar o seu Carnaval de 1968 — SAMBA, FESTA DE UM POVO.

DJALMA DOS SANTOS

Presidente da Comissão de Carnaval

# Torcida diferente para dois





O maior desejo de tôdas as pastoras e passistas é se tornarem um dia a Porta-Bandeira e o Mestre-Sala de sua Escola de Samba. Na Mangueira, no entanto, isto é diferente. Todos torcem o ano inteiro para que Neide e Delegado possam desfilarem no domingo de Carnaval.

Delegado, com seus 50 anos de idade, já tentou deixar seu lugar para outro. Ele próprio, em 1962, treinou Robertinho para substituí-lo. Estava tudo acertado. Mas, dias antes do desfile, Delegado foi obrigado a ceder diante dos inúmeros apelos recebidos no Morro e ficou até hoje.

Delegado entrou na Mangueira em 1948, já como primeiro Mestre-Sala, substituindo a Jorge Rasgado, que foi quem lhe ensinou a dançar. A Mangueira foi a única Escola em que êle desfilou, e já saiu com Nininha, Maria José e Mocinha, além de Neide. Desde 1958, quando foi instituído o concurso dos itens de Mestre-Sala e Porta-Bandeira, Delegado tem conseguido a nota 10 e, por isso, foi cognominado pelos seus próprios companheiros de outras Escolas como **O Príncipe**.

Neide também nunca saiu por outra Escola de Samba. Foi menina em Mangueira e já aos 14 anos de idade iniciava sua carreira de Porta-Bandeira, como segunda de Nininha.

No ano seguinte, Neide ocupou o lugar de Nininha. A não ser no primeiro ano, quando saiu com Arildo, Neide só desfilou com Delegado, a quem chama carinhosamente de "Titio" e com quem se entende muito bem nos complicados passos diante da Comissão Julgadora.

Neide também sempre obteve o primeiro lugar no desfile, embora em alguns anos não tenha conseguido a nota máxima. Só uma vez ficou ausente do desfile da Mangueira. Estava ela, em 1965, esperando neném e teve que ser substituída por Mocinha.

# Roteiro do Desfile

A Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira desfilará assim organizada:

Comissão de Frente — Ala dos Duques

Abre-Alas Mangueira 68

#### **Africanos Descobridores**

Ala Família Real

Destaque — Galego (O Descobridor)

Ala dos Fidalgos

Destaque — Edson (O Descobridor)

Ala Mocidade do Sereno

Ala Cheve Não Molha

#### **Índios — Caboclos Batuque**

Colonizadores —

Ala dos Granfinos (masculina e feminina)

Ala dos Modernos (masculina e feminina)

Ala da Firmeza (masculina e feminina)

#### **Bateria Baianas da Bateria**

Ala Endiabrados

Ala dos Príncipes

Ala Magnatas do Samba

#### **Donatários de Capitâneas**

Destaque Passista

Ala dos Invencíveis

Destaque Dama — Natalina C. Branco

Ala Trunfo de Ouro (masculina e feminina)

Destaque Dama — Elvecia das Dores

Quarteto Faz-o-Que-Pode

Ala dos Imperadores

Ala dos Intocáveis (masculina e feminina)

#### **Primeiro Mestre-Sala**

e Porta-Bandeira — Delegado e Neide

Ala da Corte e Madrinha

Destaque — Ivete Passos

#### **Século XVII**

Damas Nobres e Senhores

Ala Milionários de Paris

Destaque — Maria Cândida

Ala dos Reis

Ala dos Nobres (masculina e feminina)

Destaque — Sônia Maria Pereira Filho

Ala dos Aliados (masculina e feminina)

Ala dos Importantes (masculina e feminina)

Trio Colored — passista

#### **Roupagens Típicas dos Estados do Brasil e seus Ritmos Originais**

Destaque Vaqueiros do Nordeste — Eurides

Destaque Bandeirantes — Paulo Roberto Keilost

Destaque Homenagem à Principal Riqueza do Brasil (ouro) — Iolanda

Ala das Moderninhas

Ala Em-Cima-da-Hora

Homenagem à Bahia — Jupira

Destaque Gaúcha — Pavão

Bumba-Meu-Boi

Tambor-de-Crioula

Côco

Destaque Rei do Maracatu — Olavo Ferreira

Rainha do Maracatu — Zinha

Cortejo do Maracatu

Capoeiras — Ala Vê Se Entende

# Roteiro do Desfile

Candomblé

Afoxé

Destaque — Nininha — passista  
Samba de Roda — Ala Vê Se Entende

Destaque — Dorcelino e Ozéas (Guerreiros)

Grupo de Guerreiros e Guerreiras

## Coroação do Rei Negro

Destaque Rei Negro — Jorge Barbosa

Ala Comigo Ninguém Pode (masculina e feminina)

Cortejo da Coroação do Rei Negro

Destaques — Cinco Escravos

Destaque Nobreza do Congo — Margarida e Gin

Ala dos Embaixadores (masculina e feminina)

Destaque Fidalguia do Congo — Bolinha

Ala Ninguém é de Ninguém

Grupo de passistas — Coringas da Mangueira

## Taieiras

Destaque Taieira-chefe

Grupo de Taieira

## Esmolador de São Benedito

Baratino e Gaguinho

## Influências Europeias

Ala Nós Somos Assim (feminina e masculina)

Destaque — Doralice

Ala dos Esforçados (feminina e masculina)

Destaque — Maria e Ciro

Ala dos Turistas (feminina e masculina)

Destaque — Vanda Ferreira Filho

Ala Jambete

Ala dos Barões com sua Rainha

**Terceiros Mestre-Sala e Porta-Bandeira** — Agnaldo e Regina

Ala das Caprichosas

Ala Só Vai Quem Pode

## Primeira Alegoria

“Serenata do Amor”

## Vendedores de Frutas, Flores e Água

Destaque — Laerte

## Seresteiros

Ala dos Seresteiros (violões)

Ala dos Seresteiros (baianas estilizadas)

Ala dos Seresteiros (passistas)

Destaque — Leila Diniz

Ala Sambrasa (feminina e masculina)

Ala das Baianas Granfinas

Ala Nós Entendemos

Grupo das Baianas

Destaque — Tia Ciata

Grupo das Tias — Sadata, Tomásia, Gracinda, Fé, Presciliana e Amélia.

## Batuqueiros

Ala dos Artistas — passistas

Grupo Os Geniais — passistas

Trio Bossa — passistas

## Ranchos Carnavalescos

Destaque — Ivan

Destaque — Margarida Tavares

## Velhos Carnavais

Destaque Colombina — Marlene Braga da Silva



Ala dos Boêmios (feminina)  
Destaque Pierrô — Carlos Lin-  
coln Brasil  
Destaque — Oscar Silva  
Ala das Cabrochas

#### **Segunda Alegoria**

“Chafariz da Praça XI”  
Grupo Palhaços  
Ala É Com Nós Mesmos  
Zé Pereira  
Ala Meninas da Praia

#### **Segundos Mestre-Sala e Porta-Bandeira** Anísio e Vilma

Destaque - Mário Valle (Dominó)  
Grupo Arlequim  
Destaque — Alaíde Magalhães  
Viana  
Ala Garôtas do Rio  
Destaque — Hélio Gomes  
Destaque — Melindrosa — Tereza  
Santos  
Ala da Juventude (masculina e  
feminina)

#### **Estácio-Praça XI**

Destaque — Vera Lúcia Oliveira  
Ala Deixa Isso Pra Lá  
Ala dos Funcionários (feminina  
e masculina)  
Ala das Princesinhas  
Trio Impossível — passistas  
Destques — Angelita Martinez  
e Lourdes Martinez  
Trio dos Pandeiros de Ouro  
Dupla Diferente — Aparecida e  
Barroso — passistas  
Destaque S.M. Samba — Edna  
Sherazado

Trio Apoteose — passistas  
Ala Deixa Comigo  
Ala Escrete do Samba (masculina  
e feminina)  
Destaque — Margarida Cardoso  
Conjunto-Show Vou Deixar Cair  
Destaque — Dona Miúda

#### **Terceira Alegoria**

“O Sonho do Sambista”  
Ala das Brasinhas  
Ala Jovem — passista  
Ala Metida a Bacana  
Ala das Milionárias

#### **Carmem Miranda**

Gigi, Grande Otelo e Russo do  
Pandeiro  
Ala das Mimosas  
Ala Dá Pra Entender  
Destaque — Elenir Mattos  
Ala das Impossíveis

#### **Homenagem aos Velhos Composito- res**

#### **Sambista de Amanhã**

Infantil  
— Comissão de Frente  
— Damas com Sombrinhas  
— Casal Luís XV  
— Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
mirins  
— Baianas Estilizadas  
— Malandros  
— Capoeiras  
— Colombinas  
— Destaque — Regina Célia  
Costa

# Samba, festa de um povo

de DARCY, HÉLIO TURCO,  
LUIZ, BATISTA e DICO

NUM CENÁRIO DESLUMBRANTE  
DO FOLCLORE BRASILEIRO  
A MANGUEIRA APRESENTA  
A HISTÓRIA DO SAMBA VERDADEIRO  
MÚSICA... MELODIA BEM DISTANTE  
DE UMA ERA TÃO MARCANTE  
QUE ENRIQUECEU NOSSO CELEIRO  
AS DIVERSAS REGIÕES  
ENTOAVAM AS CANÇÕES

ERA UM FESTIVAL DE ALEGRIA  
FOI ASSIM, COM SEDUÇÃO E FANTASIA  
QUE DESPONTOU O NOSSO SAMBA  
COM GRANDE EUFORIA

(BIS)

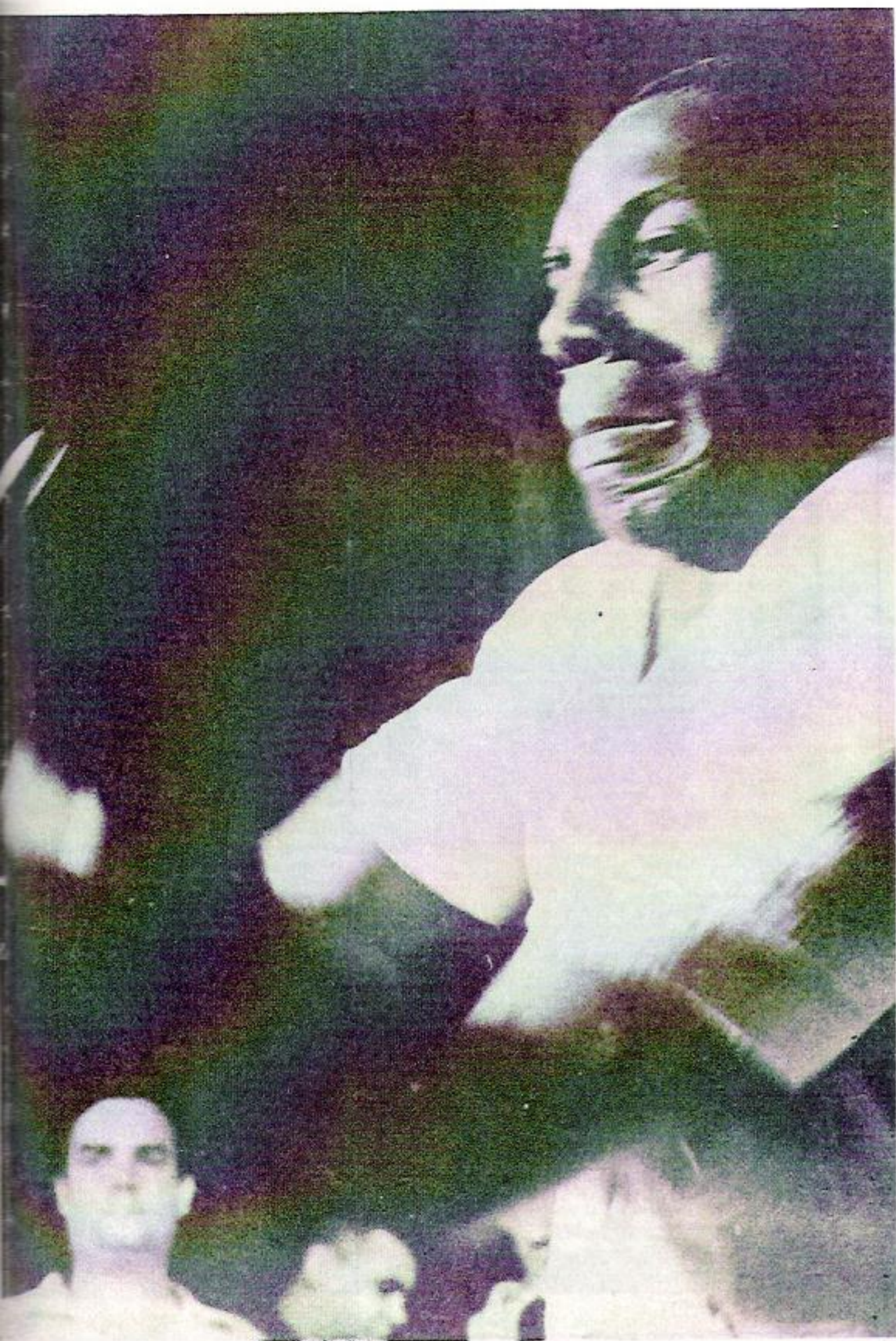
II

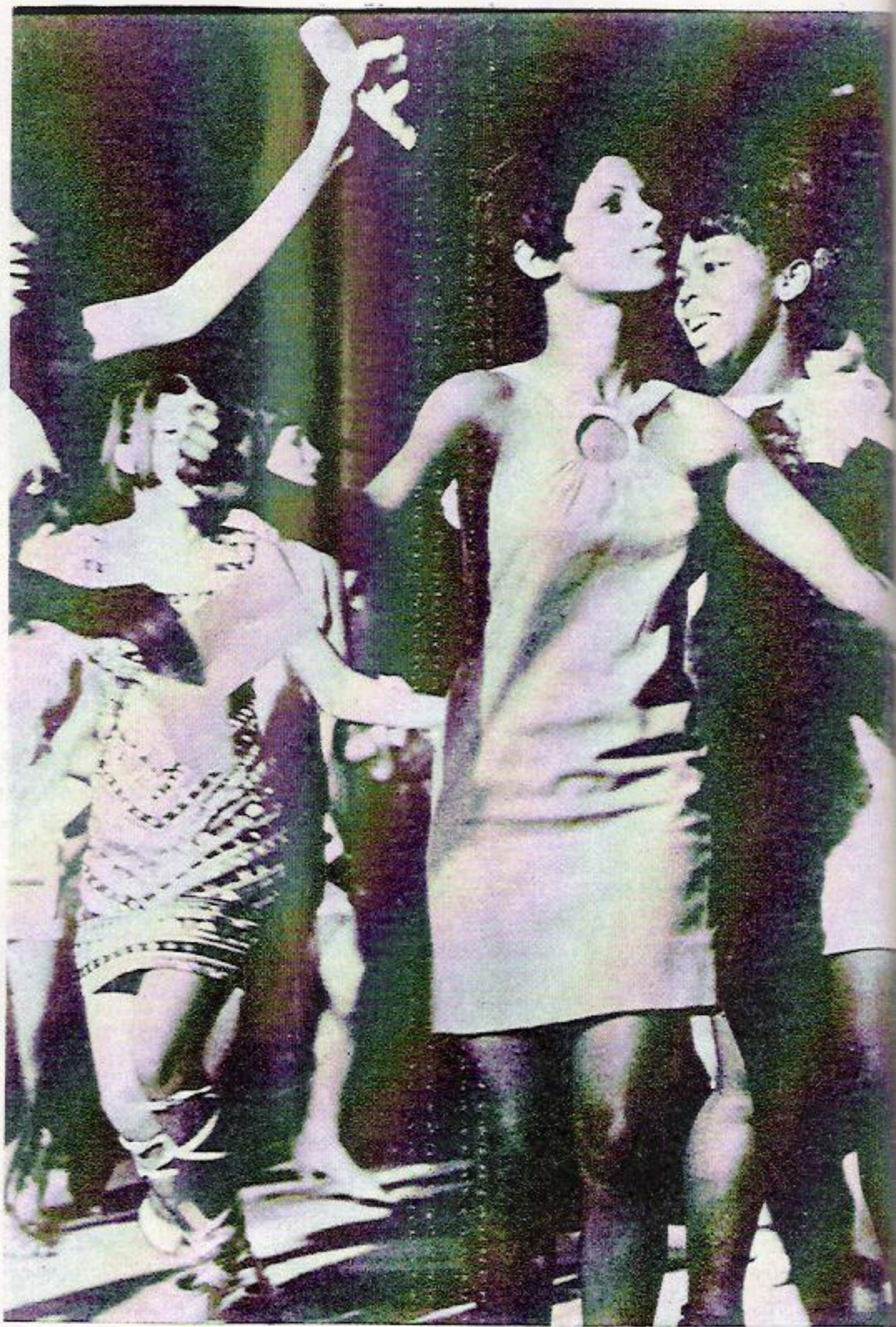
FOI NA PRAÇA ONZE  
DAS FAMOSAS BATUCADAS  
QUE O SAMBA TÊVE SUA GLÓRIA  
NO LIMIAR DA SUA HISTÓRIA  
QUANTAS SAUDADES  
DOS CORDÕES DA GALERIA  
ONDE O SAMBA IMPERAVA  
MATIZANDO ALEGRIA  
OH! MELODIA  
OH! MELODIA TRIUNFAL  
SUBLIME FESTA DE UM POVO  
ORGULHO DO NOSSO CARNAVAL

LOUVOR AOS ARTISTAS GENIAIS  
QUE LEVARAM PARA O ESTRANGEIRO  
GLORIFICANDO  
O NOSSO SAMBA VERDADEIRO

(BIS)







## Figurinista é uma arte

A arte de criar as fantasias sem fugir do enredo e contentando a todos os membros das alas é, segundo Júlio Matos, o mais importante para um figurinista de Escola de Samba. Há seis anos Julinho vem fazendo os desenhos das fantasias de Mangueira e sempre conseguiu nota máxima neste item.

Nos dois últimos anos, Julinho foi o responsável, também, pelo enredo e alegorias da Mangueira, como "Exaltação a Villa-Lobos" e "O Mundo Encantado de Monteiro Lobato", tirando

um vice e um campeonato, respectivamente.

Hoje, Julinho dedica-se inteiramente aos figurinos. Ele conhece muito bem o gosto de cada componente da Escola e as possibilidades financeiras de cada ala. O importante é saber distribuir os figurinos, e Júlio Matos, na Mangueira, sabe muito bem quem tem condições de sair de príncipe ou de escravo.

Julinho, este ano, desenhou 235 fantasias para o desfile da Estação-Primeira.

## Duque é ala pra frente

No Carnaval passado, a Ala dos Duques fez uma inovação na Mangueira. Seus membros desejavam desfilar como Comissão de Frente e, então, elaboraram um plano e o apresentaram à Diretoria. Eles próprios criaram suas fantasias e uma coreografia. O resultado foi 10 no desfile.

Este ano, a Comissão de Carnaval não precisou estudar o novo plano dos Duques. Confiou neles e entregou-lhes a responsabilidade, novamente, da Comissão de Frente. O Presidente da Ala,

Ciro Ramos, aceitou e seus 15 componentes iniciaram imediatamente as reuniões e discussões sobre a nova coreografia e fantasia.

O protocolo e o regulamento são os dois itens seguidos à risca por uma Comissão de Frente, e os Duques desfilarão com Ciro, Moacir, Francisco, Sérgio, Delamir, Feital, Pingo, Oscar, João, Beto, Jorge Ciro, Boné, Henrique e Poliba vestidos de **summer** completo, sem chapéu, e trarão, ainda, a jovem Maria de **soirée**.

## Samba foi o programa

Dois programadores musicais da Rádio Jornal do Brasil, Ernesto Martins e Leonardo Lénine, resolveram atender ao apelo que Mangueira fazia, pedindo ao povo sugestões para o enredo do Carnaval de 1968, e são os responsáveis por **Samba, Festa de Um Povo**.

Nenhum dos dois havia se metido antes a fazer Carnaval, e ambos só conheciam Escolas de Samba por frequentar os ensaios ou torcer na Presidente Vargas pela Mangueira. Entre-

tanto, são estudiosos da música popular brasileira e, por amor e profissão, conhecem a fundo sua história e origens.

Ernesto e Lénine se uniram, então, a João Máximo, redator do "Jornal do Brasil", também profundo admirador do Samba. Coube a João Máximo redigir o **script** do enredo, numa pesquisa em que os três autores foram obrigados a recorrer a dezenas de velhos sambistas influentes e a outros tantos livros que narram a história do Samba.



**Humildade de  
Jamelão é a  
mesma de  
quando batia  
tamborim**



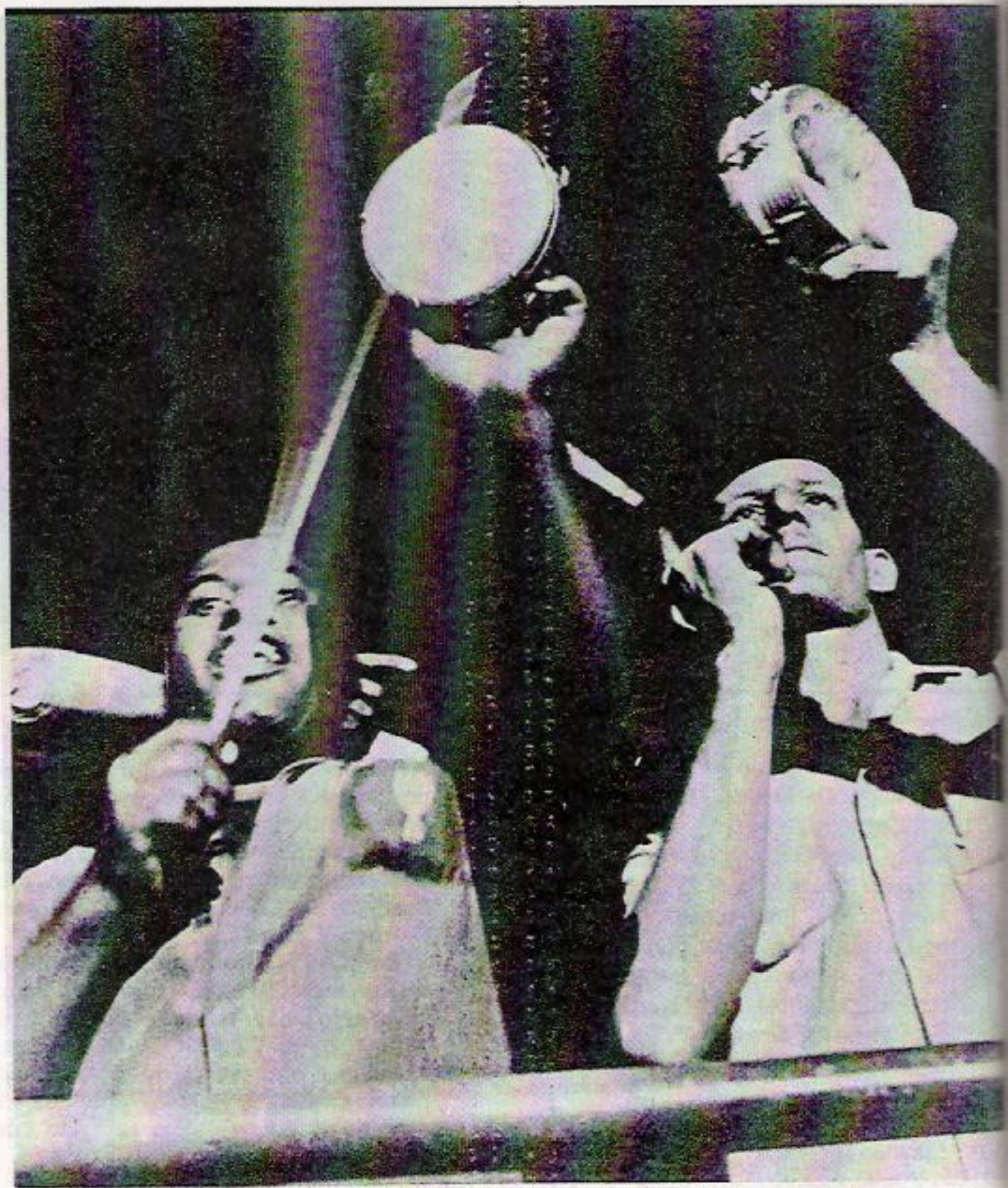
Jamelão chegou em Mangueira com 14 anos de idade. Morava no bairro do Engenho Novo e, como batia tamborim razoavelmente, pediu para ingressar na bateria da Escola. Alguns anos depois, mudou-se para Vila Isabel e resolveu, então, também mudar de samba, preferindo frequentar e bater seu tamborim no Deixa Malhar, do Largo da Segunda-Feira.

Isto, porém, durou pouco. Um ano depois, já com 20 anos, levado pelas mãos de Gradim (Lauro dos Santos), Jamelão voltava à Estação Primeira.

Nessa época, êle demonstrava seu amor pela música brasileira e acabou deixando o tamborim de lado para se dedicar a composições e a cantar sambas dos compositores do Morro que estavam em evidência, como o próprio Gradim, Carlos Cachaca e Cartola.


Em 1946, Jamelão tentou, com sucesso, ingressar no rádio. A fama, entretanto, não mudou seu modo de vida e hoje, com 50 anos, continua servindo a Mangueira, do mesmo modo humilde daquele garoto que há 36 anos apareceu no morro com seu tamborim.

# Mangueira, Estação Primei





a



A Escola de Samba Mangueira começou a despontar há muito tempo, entre 1910 e 1914. Foi uma das pioneiras dos carnavais cariocas. Nesta época, dois cordões já saíam dançando pelas ruas do Rio. Um deles, "Os Guerreiros da Montanha", tinha sede na casa de João Capenga e D. Chiquinha Portuguesa, e o outro, "Trunfos da Mangueira", reunia-se na residência do Leopoldo da Santinha. Os dois grupos viviam no "Buraco Quente" e disputavam, em termos de beleza, samba e apresentação com vários cartazes: A Flor de Benfica, Destemidos, Filhos da Serra e União da Caixa d'Água. O tempo passou e uma série de circunstâncias ocasionais acabaram com eles.

Em 1920, começou uma época sacrificada para quem gostava de música. As rodas de samba dos Ranchos Pérolas do Egito, na casa de Tia Fé, e dos Príncipes das Matas, no morro de Santo Antônio, acabavam quase sempre com muita gente presa e a maioria dos violões, cavaquinhos e pandeiros quebrados. Os blocos morriam e outros nasciam. Em 1923 apareceram vários deles: o da Tia Tomásia, formado por moças decentes, rigidamente vigiadas pelo olhar severo da senhora respeitável; o da Velha Guarda, a elite, "gente pobre mas distinta"; e o do Velho Júlio, excelente ensaiador que nunca conseguiu separar o samba da macumba. Finalmente, em 1925, surgiu o bloco principal na casa do Sr. Euclides, pai de João Cocada. A iniciativa foi de José Espiqueli, e chamava-se "Os Arengueiros".

Em 1926, "Os Arengueiros" voltavam de uma batalha de confete na Rua D. Zulmira, quando o compositor Cartola sugeriu que se mudasse o nome do bloco para Estação Primeira. O motivo apresentado pelo autor de tantos sucessos, foi o fato de que Mangueira era a primeira estação da linha auxiliar, depois de Alfredo Maia. Todos aceitaram e trataram imediatamente da instalação da sede e da eleição da primeira diretoria.

Tudo pronto, foi dado o sinal de partida para a conquista da supremacia do samba, que estava em poder da tradicional Favela e do Estácio de Sá, secundados por Salgueiro, Vila Isabel, Tijuca, Matriz e Osvaldo Cruz, atualmente Portela. A vitória não demorou e até hoje a dona do Samba é Mangueira, que, como diz Carlos Cachaca, foi a que mais enriqueceu a nossa música popular. A originalidade das composições de homens como Cartola, Cachaca, Zé da Zilda, Nelson Sargento e outros, foi uma das razões do sucesso.

O primeiro desfile organizado foi em 1929, época em que tódas as Escolas se oficializaram e passaram a sair com a denominação atual. No entanto, não se submetiam a nenhum julgamento. O jornal "A Noite" colocou em suas páginas fotos e entrevistas com os membros da Estação Primeira, e a elegeu como a mais autêntica Rainha do Samba. A partir de 1930, durante quatro anos consecutivos, foi a vencedora em certames promovidos por diversos jornais, como "O Globo" e o "Mundo Esportivo". O Carnaval na Praça Onze estava no seu apogeu, e Mangueira conquistava troféus. Na Feira de Amostras de 1937 e 1938, Cartola e Carlos Cachaca, respectivamente, receberam o título de Maiores Compositores dos Morros.

Durante um curto prazo, a Escola de Nelson Sargento enfraqueceu, para desespero de seus fãs. Uma música foi lançada, e, através dela, o desejo de milhares de pessoas.

"Mangueira  
Onde estão teus tamborins, o nêga?  
Viver somente de cartaz não chega  
Põe as pastoras na avenida,  
Mangueira querida..."

Desde então, o ânimo subiu e a verde-rosa voltou ao seu lugar de destaque, lugar que é seu e que ninguém pode roubar.

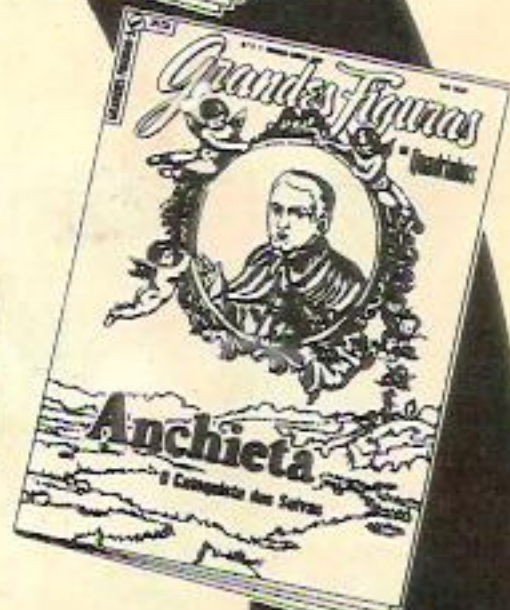
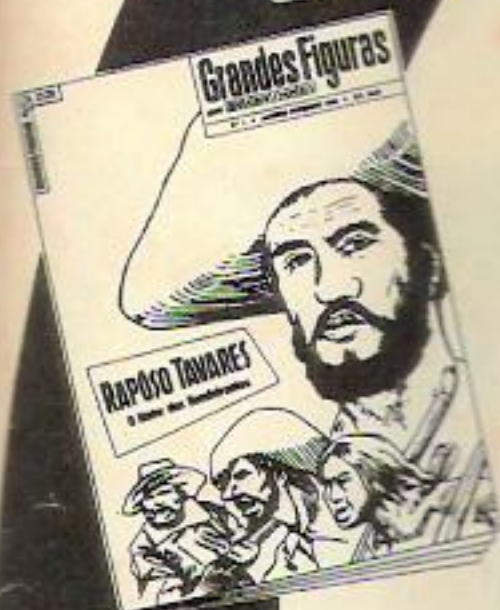
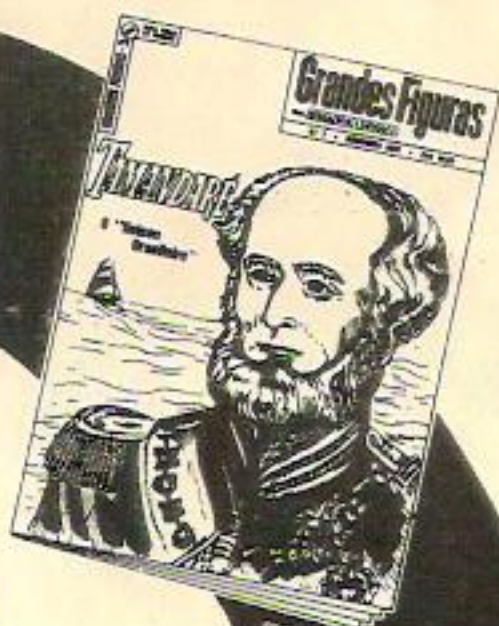
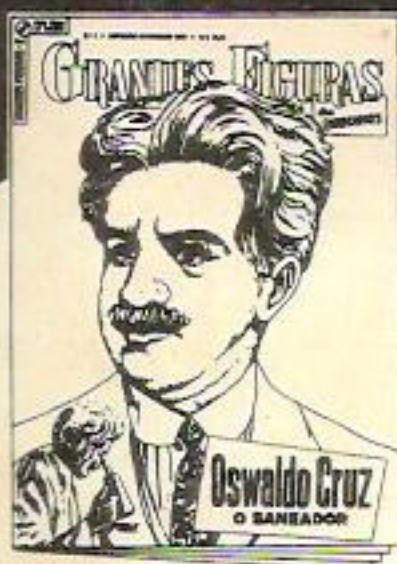
**O morro não tem vez  
 E o que êle fêz  
 Já foi demais  
 Mas olhem bem vocês  
 Pois se derem vez ao morro  
 Tôda a cidade vai cantar**

(Tom e Vinícius)

Publicada sob os auspícios da ASSINCO — Associação Industrial e Comercial de São Cristóvão

<p>*****  <b>QUADRINHOS</b>          (Revista da Ebal)          Propriedade da          Editora Brasil-América Limitada          Diretor Geral          Adolfo Aizen          Diretor-Gerente          Paulo Adolfo Aizen          Diretor-Secretário          Naumim Aizen          Diretor Industrial          Fernando Albagli</p>	<p><b>EDIÇÃO ESPECIAL DE GALA</b>          Fevereiro de 1968          Neste Número:  <b>"Samba, Festa de um Povo"</b>          enredo do G. R. E. P. Escola          de Samba de Mangueira para          o Carnaval de 1968</p>	<p>Escritório, Redação e Oficinas          Rua Gen. Almério de Moura, 302-320          ZC-08 — Telefone 34-8042          Rio de Janeiro, Gb.          Distribuidores na Guanabara          Irmãos Villardi &amp; Lobianco          Rua da Constituição, 5          Distribuidores em S. Paulo, Capital          Agência Modesto          Viaduto Santa Ifigênia, 277          Distribuidores para o Interior          Editora Brasil-América Limitada</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

\*\*\*\*\*



# Grandes Figuras (DO BRASIL)

EM QUADRINHOS



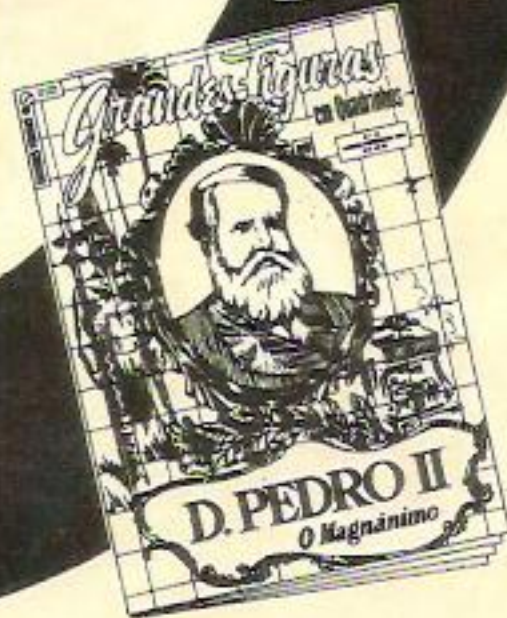
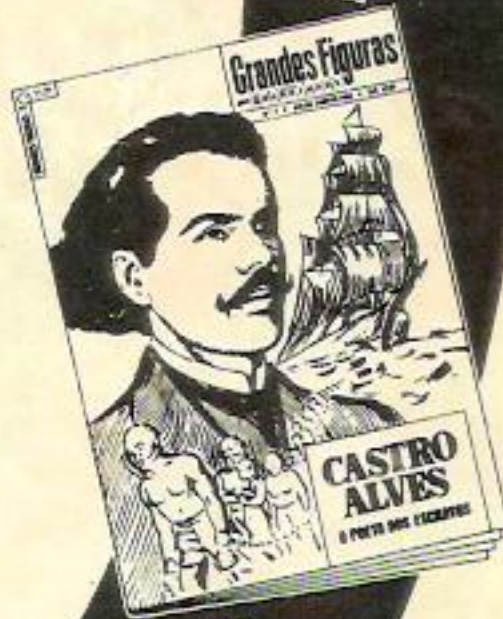
Mais de 3.600 Quadros  
Desenhados !



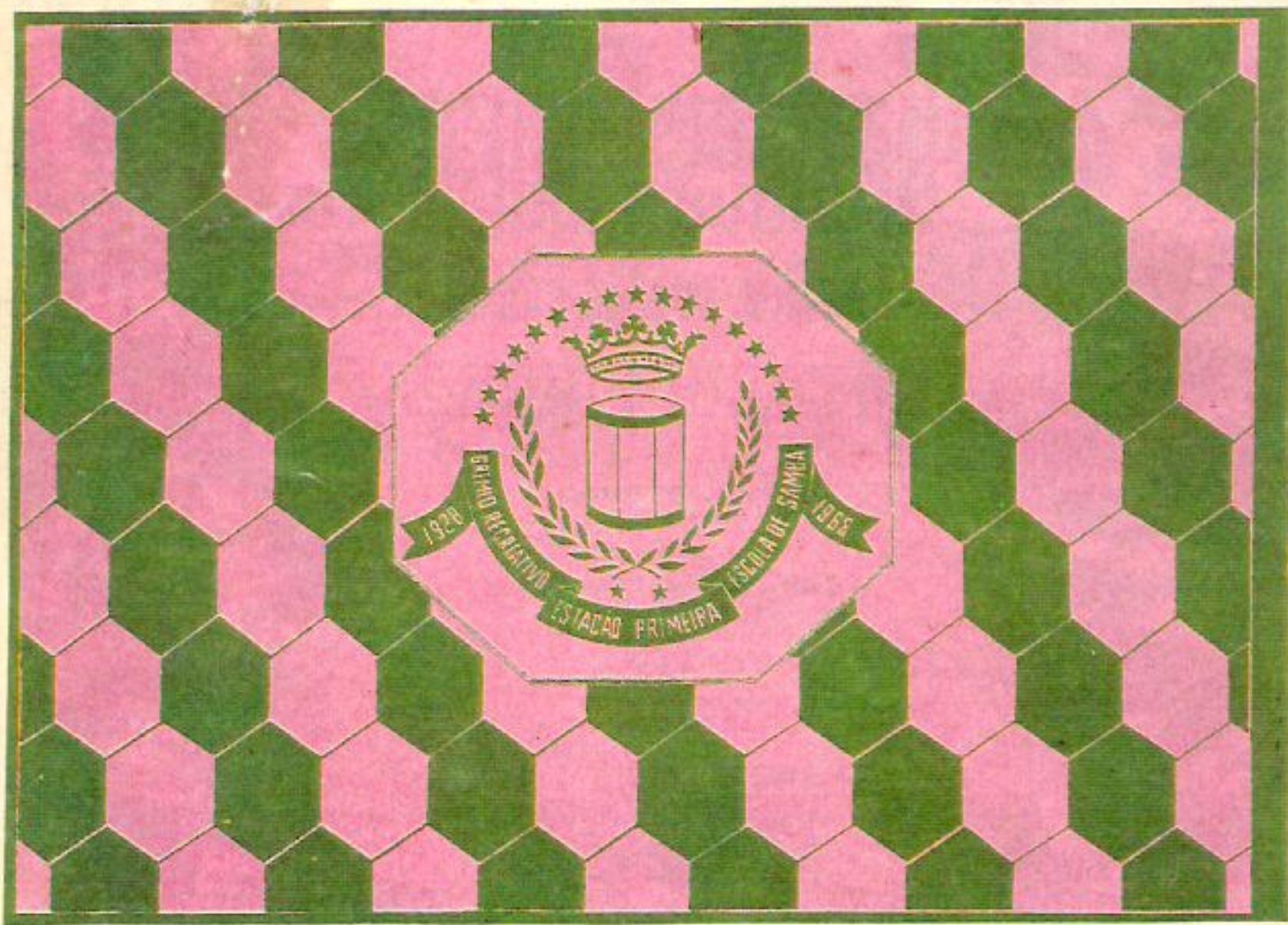
Quase 200 Obras Consultadas  
e Mais de 40.000 Páginas  
Condensadas !



Coleção Completa :  
20 Volumes



13 2  
1 6



**Relação dos  
Campeonatos  
Vencidos Pela  
Estação Primeira  
de Mangueira**

- 1929
- 1930
- 1931
- 1932
- 1933
- 1934
- 1940
- 1949
- 1950
- 1954
- 1960
- 1961
- 1967